

EMPREENDEDORISMO E EMPODERAMENTO: DUAS FACES DA IDEOLOGIA NEOLIBERAL CONSERVADORA E PROGRESSISTA

Cleito Pereira dos Santos¹

Nas últimas décadas tem proliferado o discurso no mundo dos negócios acerca do empreendedorismo e o estímulo para que todos nos esforcemos para “vencer na vida” através da mágica de ser um empreendedor. Este discurso - inicialmente propagado nos meios de comunicação, nos círculos dos negócios, nas escolas de administração e de economia - oferecia um alento para os profissionais empenhados em formar a força de trabalho para o trabalho alienado, mantendo o ideário da burguesia, dos acionistas, dos investidores e toda uma estirpe de exploradores do trabalho humano. Nesse sentido, o discurso é que qualquer indivíduo pode vencer, ser um empreendedor, abrir seu próprio negócio. É significativo que este discurso emerge e se torna hegemônico em um momento de profundas transformações no universo do trabalho assalariado em que a legislação trabalhista, os direitos conquistados em duras batalhas pela classe operária começam a ser solapados a partir dos anos 1970 nos países de capitalismo imperialista – vide Inglaterra com Margaret Thatcher, Ronald Reagan nos EUA, Helmut Kohl na Alemanha, que investem radicalmente contra a classe operária derrubando várias conquistas trabalhistas e beneficiando as grandes corporações capitalistas, livres para intensificar a exploração do trabalho.

Desde o surgimento do liberalismo econômico com Adam Smith que o termo empreender passou a ser a religião do capital. Ao contrário do que anuncia, revela, propagandeia os ideólogos contemporâneos, a ideia de empreendedorismo/empreender já existe desde o século XVIII. No entanto, foi com Jean-Baptiste Say, economista neoclássico do século XIX, que se fundamentou a ideia de empreendedorismo/empreender. Empreendedor é visto como o indivíduo que realiza a atividade econômica empresarial visando a obtenção de um rendimento ou lucro. No século XX, Joseph Schumpeter em sua obra “*a teoria do desenvolvimento econômico*” irá apresentar esta ideologia do empreendedorismo de forma mais acabada.

¹ Militante autogestionário.

Nesse sentido, Schumpeter eleva o empreendedor ao papel de revolucionário da economia atribuindo a este um lugar de destaque no desenvolvimento da economia à medida que é visto como o impulsionador guiado pela criação de um espaço de poder visando construir uma dinastia empresarial, pela vontade de lutar e vencer e o lucro é a única razão de ser do empreendedor e, por fim, o prazer de construir uma forma econômica nova. Isto constitui a ideologia do empreendedorismo moderno e contemporâneo. O subjetivismo é reinante nessa perspectiva liberal que busca justificar a apropriação da riqueza por parte de uma classe social atribuindo-lhe a capacidade de empreender e inovar como o ato fundamental. Nesse sentido, o lucro aparece como a remuneração do empreendedor. Isto é o centro da ideologia liberal desde sempre.

A ideologia do empreendedorismo ganha novo impulso com o advento do neoliberalismo e sua vulgata atual propalada pelos novos apóstolos do capital – coaching, pastores, profissionais de autoajuda, administradores, gestores, burocratas, enfim, toda uma gama de profissionais a serviço dos capitalistas – no sentido de vender a ilusão de que o futuro é empreender, é criar atividade, empresa, negócios, como se isso estivesse à disposição de todo e qualquer indivíduo que esteja disposto a sacrificar, a esforçar, a tomar a iniciativa para ter sucesso econômico-financeiro. Esta ideologia do empreendedorismo tem procurado manipular o desemprego em escala global com a falácia da possibilidade do indivíduo empreender seu próprio negócio. Enquanto isso, exploração do trabalho chega a patamares jamais vistos. Longas jornadas, condições de trabalho aviltantes, salários baixos; e os ideólogos com suas costumeiras ilusões e manipulações dos indivíduos enquadrando-os à dinâmica mercantil do capitalismo contemporâneo.

Nos anos 1980, as escolas de negócio nos EUA e Europa inventaram o discurso da globalização como se agora todos os países fossem uma comunidade internacional com os mesmos direitos, inclusive econômicos. Em seguida, essa ideologia da globalização foi amplamente divulgada pelo capital comunicacional e logo caiu no gosto dos intelectuais nas universidades mundo afora, que repetiam tal discurso como um mantra sagrado do neoliberalismo conservador. Não demorou muito e vários intelectuais progressistas aderiram, como já era de se esperar, aos discursos falaciosos da globalização, se

equiparando – dentro das expectativas de um mundo sem fronteiras, com o inglês como a língua franca que permitiria negociar, viajar e interagir – ao conservadorismo reinante.

Chegamos aos anos 1990 com uma crise sem precedentes no emprego e no trabalho. Multidões de desempregados ou porque as tecnologias reduziram seus empregos ou porque diversos jovens saíram das universidades – agora com uma formação de trabalhadores bem mais ampliada – e na concorrência por uma vaga não conseguiam se inserir no mercado de trabalho e nas empresas ou no setor público. A consequência é que vieram os ideólogos – verdadeiros *pop star* – propagando, com a ajuda do capital comunicacional e dos diversos intelectuais e ideólogos menores do modo de produção capitalista, a saída que estaria em se reinventar, buscar mais qualificação, procurar cursos e mais cursos que os salvariam do desemprego em massa. Essa estratégia não funcionou muito bem.

A partir daí verificamos uma nova guinada ideológica. Passou-se a investir no empreender. Na ideia de que tudo depende de você. Na individualização do sucesso como um ato de coragem, disposição, compreensão e esperteza em fazer uma leitura correta do mercado e perceber os nichos ou “pedaços” de mercado que o indivíduo poderia empreender, criar seu negócio e com esforço, perseverança, sorte, inteligência, motivação, dentre outras costumeiras idiotices proliferadas e vomitadas pelos religiosos da administração, da economia, do mundo dos negócios, o indivíduo sairá vitorioso. Um verdadeiro modelo a ser seguido, posteriormente, por aqueles que querem sucesso. Então empreender se tornou o grande mantra nos pós-1990, chegando aos anos 2000 como uma verdadeira religião de grupos sociais, professores de diversas áreas do conhecimento, intelectuais venais, escolas, universidades, capital comunicacional, igrejas, enfim, a ideologia se espalha e generaliza na tentativa de convencer os indivíduos que só dependem deles para chegar aos sucesso financeiro-econômico e ao bem-estar da família e social.

Notemos que esse discurso emerge exatamente quando o neoliberalismo apresenta sua faceta mais violenta em escala mundial com a submissão de amplas parcelas das populações ao desemprego, fome, ao trabalho precarizado, terceirizado; quando a exploração do capital chega ao seu ponto mais elevado. Isto coincide com a chega ao poder de partidos populistas, social-democratas ou “esquerdistas” que passam

a adotar o neoliberalismo, talvez envergonhados, o que é duvidoso, em suas políticas econômicas e sociais. O caso do Brasil, nos governos petistas, é bem sintomático de como essas organizações partidárias burocráticas, mundo afora, aderiram sem o menor pudor às políticas neoliberais das grandes instituições internacionais, como FMI, Banco Mundial, ONU, UNESCO, OCDE, OMC, dentre outras. O projeto passou a ser, para esses governos ditos de esquerda, de um neoliberalismo progressista tentando dizer que era diferente do neoliberalismo conservador da era Thatcher, Reagan, Kohl.

Enquanto o neoliberalismo conservador foi direto atacando de modo virulento a classe trabalhadora e movimentos sociais, o neoliberalismo progressista tratou de implementar uma política de cooptação de movimentos sociais e da classe operária, através da distribuição de cargos e benesses para os burocratas desses movimentos tanto sociais quanto da classe operária. Desse modo, sindicalistas e ativistas viraram gestores de políticas de governos e do Estado capitalista neoliberal repressivo. Construíram toda uma rede de comunicação para divulgar as “conquistas” possibilitadas por esses governos que eles representavam. Cooptaram e submeteram setores dos movimentos sociais levando-os à mais completa apatia e defesa de políticas que prejudicavam a população no geral e a classe operária em particular.

Setores progressistas, notadamente o petismo, aderiram ao discurso do empreendedorismo haja vista que suas políticas só escamotearam o desemprego através de manipulações de dados de instituições controladas por eles, como foi o caso dos governos Lula e Dilma – o que não os distingue dos conservadores – e passaram a apostar em outro discurso casado com o empreendedorismo, que é o tal do empoderamento. Empoderamento de negros, mulheres e outros grupos. Aqueles que alcançaram “sucesso” foram empoderados. Mas o que significa isso? Apenas que o desejo de se tornar explorador emerge com força no seio de certos setores dos movimentos sociais. Muito provavelmente copiam o modelo norte-americano, a despeito de fazerem discurso sobre colonialismo, decolonialismo, importam os discursos em voga em outras sociedades com características totalmente diferentes.

O mito do empoderamento é outra ideologia em voga na contemporaneidade. Termo originário da língua inglesa (empowerment), aparece nos anos 1970 e se tornou rapidamente uma palavra da moda no capitalismo central e logo se espalhou para o

capitalismo periférico. Empoderamento significa que certos grupos, indivíduos alcançaram determinado status, prestígio, poder em empresas, organizações, instituições, sejam públicas e privadas. Trata-se de adquirir vantagens competitivas que colocam os indivíduos em posição de disputar no mercado da cultura, do consumo, enfim, ter condições de disputa no capitalismo. Empoderamento no discurso de ativistas, coaching, empresários, significa dar poder, dar importância, atribuir a alguém ou a algum grupo social determinado poder. Portanto, trata-se de algo subjetivo; algo que se opera no plano das representações que um grupo ou indivíduos passam a ter. Podemos citar como exemplo, mulheres, negros, indígenas, dentre outros grupos e indivíduos pertencentes a estes grupos sociais. Rapidamente o termo passou a ser usado para remeter a indivíduos que alcançaram o poder, prestígio, poder, pertencentes a certos grupos sociais discriminados no interior do modo de produção capitalista.

Os progressistas e o marketing conservador encontraram, enfim, o termo ideal para propagandar as ilusões de que o indivíduo discriminado pode se “empoderar” no interior da sociedade que gera a discriminação. Aqui se encontra o denominador comum de progressistas e conservadores: a solução individualista na ideia de que o indivíduo pode resolver a discriminação com a conquista de prestígio, poder e status. Nada mais liberal que esta falsa saída. Sendo assim, o indivíduo que empreende, tem sucesso econômico-financeiro (empreendedor) poderá ser o indivíduo que empodera (empoderamento), que tem poder, prestígio, status. Óbvio que esta ideologia do empoderamento se estende para os indivíduos que obtiveram sucesso sem empreender um negócio, mas que conquistaram o prestígio, poder e status através, por exemplo, do acesso a empregos privilegiados, como é o caso de funcionários da justiça e outras funções no Estado capitalista.

Tanto a ideologia do empreendedorismo quanto a ideologia do empoderamento refletem a forma como a cooptação opera no capitalismo atual. As ilusões de integração à ordem social capitalista através do empreendimento ou do empoderamento apontam para o ponto de encontro de dois discursos: o conservadorismo e o progressismo. Na dinâmica atual das relações totalmente mercantilizadas essas ideologias neoliberais procuram inculcar nos indivíduos um conjunto de valores individualistas, baseados nos negócios e no mercado, na ideia de que os grupos sociais discriminados e explorados

podem conseguir algum poder, que negros, mulheres, podem ter poder para manter o sistema mercantil funcionando normalmente, na naturalização da competição como algo inerente ao ser humano e na disseminação da ilusão que não há outra alternativa ao modo de produção capitalista. Obviamente que os conflitos sociais estão aí para contrariar o grande engodo dos capitalistas e das suas classes auxiliares. Só há uma alternativa: destruir a sociedade mercantil e construir a autogestão social.

Tudo não passa de uma panaceia ideológica da era do capitalismo integral que procura subjugar indivíduos e grupos sociais através de discursos de que tudo é possível e que o sucesso depende só do indivíduo. Uma verdadeira reconstrução da velha falácia neoliberal do individualismo como essencial dos negócios e do sucesso.

As universidades sucumbiram a estas ideologias. Em quase todas elas existem departamentos, grupos e núcleos de investigação, incentivo das várias instâncias, financiamento e ampla divulgação da panaceia neoliberal, arrebanhando alunos e professores no sentido de adotarem processos e procedimentos que não têm nada a ver com ciência, mas têm a ver com a ideologia neoliberal, seja ela progressista ou conservadora. Seja ela assentada em um tipo de crença (uma verdadeira religião do capital) ou no escamoteamento quando falam em inclusão social, empoderamento (a nova religião progressista que tem invadido os movimentos sociais na atualidade). Em síntese, estamos diante de duas faces – conservadora e progressista – da mesma moeda do neoliberalismo.

O capitalismo na era da acumulação integral, pós anos 1980, fez surgir novas formas de justificação da exploração. Dos círculos de controle de qualidade, passando pelos programas de qualidade total, reengenharia, gestão de desempenho, chegamos hoje ao paraíso coach – verdadeiros religiosos fanáticos vendendo soluções mirabolantes para um público também fanático, formado dentro dessa nova cultura instituída nas faculdades e universidades de negócios com suas ilusões e costumeiras manipulações psicológicas – e chegamos ao empreendedorismo e ao empoderamento como apêndices, principalmente, para militantes de movimentos sociais que agora divulgam as maravilhas do empreender, do empoderar. As mulheres empoderadas, os negros e negras empoderadas. Imbuídos e embebidos pelo sumo do fanatismo neoliberal progressista, são levados à crença que dentro do capitalismo é possível

superar o racismo, o sexismo, a subordinação, a discriminação. Tudo isso agora virou uma questão de ter capital, de ascender socialmente, de conseguir um bom emprego, de esbanjar nas redes sociais; vide o caso dos youtubers, dos artistas do funk, dos sertanejos universitários, enfim de toda uma plêiade de casos isolados que obtiveram o tão almejado sucesso vendendo produtos, músicas, ideias extremamente duvidosas para um público disposto a ser manipulado pelas ilusões do capitalismo atual.

As mudanças culturais propiciadas pelo capitalismo na era da acumulação integral massificaram a futilidade através do consumo efêmero, descartável, instantâneo com a proliferação de um conjunto de subcelebridades presentes no youtube, facebook, twitter, Whatsapp, Telegran, Instagram, dentre outras, em que tudo é para ontem. Em que o consumo ocorre como ponto máximo de uma sociedade da futilidade, da miséria intelectual e cultural. Um verdadeiro circo de idiotas. Um verdadeiro espetáculo em que os medíocres são requisitados a dar curtidas, se inscreverem nos canais. E tudo isso se transforma numa valiosa fonte de dados, principalmente para as plataformas, e em mecanismo de arrecadação por parte das subcelebridades com sua existência fugaz.

Com isso estamos querendo demonstrar que faz um bom tempo que o capitalismo converteu o neoliberalismo conservador e o neoliberalismo progressista no mesmo mecanismo de propagação, divulgação, produção de conteúdos de conformação e conformismo social. Talvez por isso presenciamos o encontro desses dois discursos do empreendedorismo e do empoderamento em falas tanto da direita quanto da esquerda, tanto do bloco conservador quando do bloco progressista. E a crença é tão ridícula que querem fazer crer que o vendedor de balinhas, biscoitos, chicletes nos semáforos das grandes cidades seja um empreendedor e, provavelmente, será um empoderado. A lógica é escamotear a onda de desemprego, de precarização do trabalho. É dizer que tudo vai bem no capitalismo, mesmo quando as pessoas estão expostas nas ruas das grandes cidades buscando uma forma de arrecadar alguns trocados para poder levar comida para casa. Aí os ideólogos, tanto da direita quanto da esquerda, tanto neoliberal conservador quanto neoliberal progressista, gritam: viva o empreendedorismo! Viva o empoderamento!

A força dessa ideologia pode ser vista através dos noticiários nos telejornais, nos jornais impressos, na publicidade de empresas de cosméticos – em sua grande maioria

chamando as vendedoras de seus produtos de empoderadas, empreendedoras – nos bancos, nas mais variadas empresas capitalistas que incorporaram essa ideologia.

A questão que se coloca hoje é até quando esse discurso será sustentado? Me parece que o mesmo tem vida curta. A exploração capitalista tem se intensificado nas últimas décadas e agora no contexto da pandemia tem gerado sofrimento, adoecimento, redução de salário, fome, miséria. Empreender e empoderar tendem a se transformar em discursos vazios e sem ressonância quando trabalhadores e trabalhadoras perceberem que seus esforços não conduzem para absolutamente nada disso. Conduz a mais trabalho, conduz a mais extração de mais-valor, conduz a miséria material, intelectual e cultural de amplas parcelas da população em escala mundial.

Nesse sentido, o neoliberalismo conservador e o neoliberalismo progressista terão que criar outras formas para justificar a subordinação e dominação da classe operária e da população em geral no sentido de arrancar trabalho excedente e aumentar os lucros do capital. Em suma, os ideólogos e defensores do empreendedorismo são apenas auxiliares da burguesia para construir as condições necessárias à extração de mais-valor. Daí o subjetivismo pós-estruturalista, o multiculturalismo, o identitarismo contribuem com a construção de uma nova ordenação do capitalismo que supostamente pretende incluir grupos discriminados – negros, mulheres, dentre outros – no mercado de trabalho e de consumo. Tudo isso não passa de manipulações que constroem ilusões e conformismo social.

Empreendedorismo e empoderamento não contribuem em nada para a verdadeira luta contra o capital. São empecilhos à consciência da classe operária na luta para extirpar o modo de produção capitalista desse mundo. Nesse sentido afirmamos que nem o neoliberalismo conservador e nem o neoliberalismo progressista são alternativas para quem luta por uma sociedade autogerida. É necessário abandonar esse mundo de ilusões, de manipulações. Cabe derrotá-los!